

O PUBLICADOR PAULISTANO.

Publica-se uma vez por semana na typographia — DONS DE DEZEMBRO — de Antonio Louzada Antunes, Rua das Flores n.º 35, onde se subscreve a 5000 rs. por seis mezes *pagos adiantados*.

Os artigos de interesse geral tem inserção gratuita, e os de interesse particular em lingoagem honesta, competentemente responsabilizados, e os annuncios pagarão adiantado o que se convencionar. A Redacção não se responsabilisa absolutamente pelas correspondencias ou communicados particulares.

Salve! Sete de Setembro!

Salve, rainha do mundo—ó liberdade!

Ribombos de canhões, gemer de balas,
Do gladio o faiscar, tombar de corpos
Entre hozanas de jubilo te c'roão—

Salve, rainha do mundo—ó liberdade!

(Dr. J. B. de Andrade e Silva.)

I.

Carregado de pesados grilhões e atado á um poste se via um indio! Sua face retratava os signaes de intensa dôr, na sua fronte abatida a custo se distinguia a marca que symbolisa o genio, seus labios decerrados se entreabrião de quando em quando para solettrar n'um gemido as angustias de sua alma, seus pés estavam como que enraizados, havião perdido o movimento! Similhava ao frondoso jequitibá de nossas matas, que o furacão derribou em sua passagem! Coitado! Queria fallar e a vóz lhe expirava na flôr dos labios, convertida em doloroso suspiro; queria erguer-se e a pressão dos ferros o detinha, derramando-lhe no vaso do coração o amargo fel do desespero! Queria levantar seus olhos ao céu, e a vergonha fazia baixa-los temendo encontrar gravada nas nuvens essa terrivel palavra—escravidão!..

Depois de alguns momentos, o captivo volveu seus olhos desvaierados, enxugou nos ferros que lhe apertavão os pulsos o suor do soffrimento, grossas lagrimas orvalharão seu bronzeado rosto e após—breves momentos, rompendo á custo o sello da mudez, como que inspirado—assim fallou:

«Rodeado dos esplendores de sua immensa gloria e omnipotencia, sentado n'um throno de nuvens, tendo por diadema o sol, por escabello a lua e por cortejo milhares de arcanjos e cherubins, que divididos em choros entoavão celestes harmonias; á um aceno de Jeovah, ergui-me do pó do nada, cheio de vida, cheio de valor, cheio de belleza!..»

Dilati meus olhos sobre quanto me cercava, e fiquei immovel de admiração! Achava-me no meio de vastissima floresta, balsamicas arvores, balanceando as verdes comas que se erguião magestosas á altura das nuvens: magnificos florões entrançados de flôres odoríferas, prendião-se umas ás outras, deixando entrever um céu esplendido esmaltado de brilhantes nuvens!

Numerosos volateis de diferentes formas, e variadas cores, povoavão as regiões do espaço, poisando já no esmeraldino tapete das elevadas montanhas, já nos formosos leques da gentil palmeira!

Por toda parte encantos, por toda parte enlevos, por toda parte prazeres! Senti um fogo desconhecido incendiar o meu coração, mirei-me d'alto abaixo e vi que eu era robusto como esses troncos que admirava, senti-me capaz de grandes acções; levantei o braço e vi que tinha a regidez do ferro, apalpei meu peito e senti

que o meu peito era de bronze, olhei para os pés a julguei-me capaz de vencer o gamo na carreira!

Oh Jeovah! Senti-me grande como um pensamento de Deos, quiz entoar um hymno de gratidão a ti, a ti tão sómente que tão forte me criaras e... novo encanto;—extasiei-me com o som da minha vóz, julguei ouvir essas harmonias celestes que soarão aos meus ouvidos no momento de minha criação!

E o meu espanto crescia sempre.—Estava gozando as delicias do Eden; tinha por throno inacessiveis montanhas, por docel a abobada celeste, por corôa o meu cocar de avelludadas pennas por sceptro o meu tacape, por dominio as virgens mattas, por vassallos as feras da floresta, as aves do bosque e os peixes do mar; e por thesouros os brilhantes, os rubins, as esmeraldas, o ouro e mil preciosidades occultas nas entranhas do sollo!

Tinha tudo quanto desejava, Deos no céu e a liberdade na terra!

Corria-me a vida rodeada de attractivos, despida de inquietações, isempta de soffrimentos. Mas ah! Um dia, dia fatal... vistas profanas divisarão as delicias do paraíso que eu habitava. Pasmarão dos seus encantos, extasiarão-se ao contempla-lo.

No balancear dos leques da palmeira, no amoroso gorgoejo do sabiá, no murmurio enternecido dos rios, no suspirar saudoso das brisas nos resplandores poeticos do sol, no colorido brilhante das nuvens, no florido tapete do sollo na profusão das minas, no total dessas bellas imaginaveis; acharão motivos para alimentar a cobiça, e ficarão loucos de inveja, e ficarão famintos de possuil-lo!

O que fizeram? Ai! fizeram o que fazem exercitos sem commando, quando invadem uma cidade para saquea-la! Carregarão-me de ferros collarão-me os labios para que não gritasse, algemarão-me os pulsos para que não resistisse, vendarão-me os olhos para que não visse, prenderão-me os pés para que não corresse!

E depois? E depois destruirão a feitura do Altissimo, desceparão os troncos da floresta, desmoranarão o meu throno de granito, esfarfarão os leques da palmeira, avermelharão as aguas dos rios com o sangue de irmãos, despedaçarão o meu sceptro, apagarão a luz do entusiasmo que abrasava o meu coração, desenterrarão as preciosidades do sollo, enchararão os meus vassallos da floresta e em vez do meu tecto de nuvens, mimosearão-me com o tecto de uma masmorra, e em vez da minha corôa de plumas, cingirão-me uma corôa de espinhos, e em vez do meu tacape derão-me um poste aonde havia ser amarrado; e em vez do meu throno de Rei, derão-me a dura tripeça de escravo; e em vez da liberdade desse sonho angelico, desse pensamento de Deos, desse mimo do céu; me derão a vergonha, me derão o opprobrio, me derão a escravidão!..»

Ai! Mas que poderia dar um tigre a não ser a morte, que poderia dar o raio a não ser a destruição, que poderia dar o tyranno a não ser a tyrannia?!?!... Elles derão-me o que podião dar... Jeovah deu-me a liebrdade e a vida; Satan deu-me a escravidão e a morte! Ah! Maldição! Maldição sobre elles!..»

Exausto de forças o indio cessou de fallar, e novas lagrimas innundarão-lhe a face.

II.

Romperão mil cantos, cessarão queixumes,
Dos trinos das aves encheu-se o vergel,
E o prado de flôres, e a flor de perfumes,
E os ramos de fructos, e os fructos de mel.

(Franco de Sá.)

Brilhante aurora como jámais despontou na amplidão do céu, dissipa as negras nuvens que toldavão o horisonte, e apresenta-se bella, radiante de formusura, abrindo com seus roseos dedos, as reluzentes cortinas do seu poetico azylo! Mimosas nuvens, trajando as cores de um prisma encantador, revestem o céu de belleza immensa. A luz celeste vem patentear na terra o mais encantador painel. Coroados troncos de verdejantes folhas, reluzindo mostrão celestial aljofar, pranto que o céu derramou de jubilo!

Ligeiro Zephiro batendo as azas, espalha nos ares, perfumados cheiros, de mimosas flôres! E numeroso bando de garrulos cantores, poisando nos cimos dos altivos montes, entoão canções de divinal poesia!

No meio de todos estes encantos, um novo encanto se vem juntar. Cercado de luzes e trajando primores, desce um anjo do céu acompanhado de brilhante esquadrão. Em sua face reluz tudo quanto ha de bello e sublime, tudo quanto ha de puro e santo! Traz a fronte corôada de virentes louros, seu trajar é candido como a neve, prende á cinta auriverde laço e a mão tão linda, agita magestoso pendão, onde se vê em rutilantes cores, entrançada coroa de fumo e café!

Com magestade e graça se aproxima ao Indio. Este olha, espanta-se, quer ajoelhar, mas os ferros o impedem; então o Anjo lhe desapertando os pulsos, exclama com entusiasmo:

«Brazil! filho predilecto do Altissimo! Flor mimosa que os anjos se ufanão de cultivar, esmalte e ornamento precioso do throno de Deos! Levanta-te ufano, grande, poderoso e livre como no dia em que Jeovah te creou! Piza com tuas plantas, esses ferros infames, unico mimo que te poderião offertar deshumanos barbaros! Levanta teu braço poderoso e faze tremular este estandarte, que tradusirá um dia a tua prosperidade o teu engrandecimento, a tua gloria! Entoa n'este dia glorioso em que Jeovah esmigallou os ferros da escravidão, sepultando-os nas cavernas do inferno, um hymno de jubilo, um hymno de gratidão! Vae! Caminha com passo de gigante até os confins da terra, leva tua fama até a mais remota posteridade, escreve-a nos annaes da historia, registra-a no mappa das nações civilisadas e diz com orgulho, (porque o podes;) dia virá, em que á um aceno meu se curvará a Europa inteira a beijar-me as plantas! Roma, Athenas, Macedonia, Carthago, e essas nações potentes que hoje figurão nas paginas da historia, servirão de sombra ao valor de minhas acções, á fama de minhas conquistas, á gloria do meu nome! Não serão mais que toscas pedras, em cima das quaes se erguerá o monumento da minha grandeza!..»

Depois de assim ter fallado, o mensageiro da liberdade, levantou seus olhos ao céu, e os archanjos lindos, se erguendo aos ares,

nas ligeiras azas, *Hosana! Hosana!* forão repetindo ao longe...

A ridente campina do glorioso Ipyranga, foi o theatro escolhido para tão augusta scena!

III.

Somos homens emfim, temos futuro!

(Dr. J. B. DE ANDRADE E SILVA.)

E's livre oh Brasil! Nas margens do Ypiranga recebestes o baptismo da liberdade! Agora caminha! Caminha e sem parar! E o teu nome voará de labio em labio, até as mais altas regiões celestes! Este teu céu tão deslumbrante, tão sublime, tão encantador, despertará mil sons nas lyras de teus queridos filhos!

No meio de tuas florestas se erguerão magnificas cidades, por estes rios que vemos sulcarão magestosos lenhos, immensos carris de ferro retalharão este sollo, magnificos templos se erguerão no cimo destas montanhas!

As riquezas do teu sollo, o perfume de tuas flores, o cantar mavioso de teus passaros, o suspirar melancolico das tuas brizas, as estrelas do teu céu, e as conchinhas de tuas praias, finalmente tantos e tão innumeraveis encantos com que Jeovah te brindou, despertarão o entusiasmo de teus filhos, que cheios de valor, de vontade e intelligencia, se esforção por erguer-te a altura das mais potentes nações do mundo!

E isto tudo conseguireis mais depressa, quando obtiverdes em teu seio, um governo moralisado, que não seja corrompido, que acoçoe a industria, que alimente o trabalho, que estenda os braços á lavoura, que auxilie as lettras premiando o merito, e seguindo sempre o trilho da justiça e não do patronato e da afillhadagem.

Quando só o sabio se erguer á altura em que hoje a estupidez se ergue! Quando os titulos e as recompensas forem sómente uma distincção do merito, quando a liberdade do cidadão transformar-se em realidade, quando a lei deixar de ser uma quimera, quando a constituição politica for respeitada, quando o brilho do ouro não offuscar o brilho da razão... quando as sagradas cinzas dos venerandos patriarchas da nossa Independencia, não forem profanadas por esses vermes despresiveis que revolvem-se no lodaçal da infamia!

Desgraçadamente a pár da arvore santa da liberdade, parece ter brotado a arvore do despotismo!

Quando oh Brasil! tudo isso conseguirdes, sereis forte, sereis grande, e nós com mais amor, com mais orgulho, com mais entusiasmo, queimaremos incenso no thuribulo de nossos corações em honra ao grande dia da Patria, o dia 7 de Setembro, o dia da liberdade!!!

A. M. dos Reis.

Ao Sete de Setembro.

A civilisação é uma condição da natureza humana; ella se manifesta debaixo dos raios luminosos da razão, da acção poderosa da liberdade.

As necessidades do homem são os estimulantes energicos que o lanção a multiplicar suas observações, a accumular seus conhecimentos. A natureza que tem creado o homem de um modo imperfeito, e que o tem obrigado a lançar mão de suas forças para o seu complemento, também o tem rodeado de todos os meios, de todos os materiaes necessarios para buscar esses seres que o devem completar. A medida que o homem se desenvolve, suas necessidades se transformão, e por consequencia os seres que o completão também devem ir tomando essas diversas fórmãs, a fim de que possa o homem em todos os periodos de sua vida sempre achar uma satisfação.

O homem não desenvolve-se fatalmente, assim como nenhum d'esses seres está sugeito a lei do fatalismo; ha uma lei que rege o desenvolvimento humano, assim como ha uma lei que governa cada um d'esses seres que apanhamos d'ante de nós; é o conhecimento d'essas leis que

podemos dizer fórmã o objecto de todo o estudo, de toda a sciencia, de todo o trabalho do homem; é o complexo de todos estes conhecimentos—o desenvolvimento da moral—o desenvolvimento da materia que dizemos a civilisação; é assim que dizemos é homem Juris-consulto aquelle que conhece o direito; o agricultor aquelle que o conhece a lei da agricultura, que não applica materialmente a semente sobre a terra.

Mas que meios tem o homem para prescrutar estas leis que se achão em nós mesmos, em cada um d'esses seres que nos rodeião? é ainda essa luz inata de nossa razão, a intelligencia, que nos leva da triste morada em que vivemos á misteriosa habitação do ente que nos tem creado—de Deos. Nem todos os homens habitão o mesmolo, nem todos possuem os mesmos meios; o mutuo soccorro de cada um se manifesta em qualquer dos periodos da vida humana, e seria mesmo uma grave injustiça que a terra tão desigualmente repartida no globo não pudesse servir se não á aquelle que a tem pisado: não: a necessidade varia, e se multiplica, tanto quanto a elasticidade dos desejos humanos, de fórmã que ninguem por mais bem que seja se póde dizer satisfeito;—o desenvolvimento humano é infinito.

D'aqui a necessidade da effectiva permutação dos serviços, das mutuas relações entre os homens entre todos os povos do mundo; e isto q' ao principio tem sido plantado por meio da força, que tem reduzido diferentes clases de homens, alguns estados a escravidão, é hoje com o andar da civilisação o baluarte mais forte de toda associação, o symbolo da liberdade; a escravidão (diz Molinari) que não é, se não uma das formas innumeraveis da espoliação apparece como um dos mais serios obstaculos que impede o progresso da humanidade; ao passo que a liberdade e a propriedade são condições necessarias á todo progresso.

Com effeito o senhor e o escravo se debatem constantemente, o senhor que despoja ao escravo todo seu trabalho, o escravo, na triste condição de ver todos os dias debaixo da pena de morte se lhe arrancar seu misero trabalho, que interesse o pode levar em augmentar as forças de seu inimigo, se nega constantemente ao serviço:—a industria é que perece, a civilisação que não dá um passo. O Brazil um destes povos que lançado pela mão aventureira ao poder despotico da escravidão, que interesse, que progresso podia esperar da fertilidade de suas terras, quando todos os dias via sua riqueza voar sobre as asas impuras da espoliação? nem um absolutamente nenhum.

Mas um raio de luz tão forte como o fuzil desfaz essa densa nuvem que o submete ao poder de seu inimigo; e o Brazil contemplando o seu oppressor que já parece um cadaver atira-lhe a luva da liberdade; foi o ultimo golpe que reduzio-o a um verdadeiro cadaver.

O Brazil triumphou de seu inimigo, e conquista o elemento mais necessario, para seu progresso a—liberdade, mas a liberdade externa.

Então o Brazil, que semelhante o homem que se emancipa, tinha d'ahi em diante por si mesmo por suas proprias luzes de dirigir seus passos na carreira da vida, tinha de codificar os principios sobre que se sustentaria toda sua politica, e assim o tem feito na sua constituição, cuja liberdade é sabiamente reconhecida; aqui se tem estabelecido todos os principios de uma verdadeira civilisação; seus portos livremente abertos offerecem o commercio mais rapido á todas as industrias; a liberdade e a propriedade fortemente garantidas offerecem á industria o mais seguro goso de seu trabalho, a applicação mais exacta de sua lei. Mas o Brazil, convem o confessar, não tem gosado d'essas garantias tão bem como tem offerecido a nossa constituição; uma forte distração tem roubado sua politica dos principios são e justos da constituição para aquella de uma preponderancia estigmatizadora de seus proprios filhos.

Um espirito centralizador o tem escravizado em todos os ramos de sua industria, reduzindo-o a um Imperio militar de baixo das ordens de despoticos commandantes; de forma que o nosso trabalho se tem tornado um trabalho forçado, e interrompido por continuas distrações.

O Brazil não tem a precisa liberdade interna para fazer prosperar o seu trabalho tanto quanto requer a fertilidade de seu solo:—sem liberdade

a industria perece, e a civilisação não dá um passo.

Não é unicamente a distração em cousa de mera ostentação a causa perturbadora de nosso trabalho livre. É uma verdade que qualquer dos ramos da nossa industria tem leis proprias para seu desenvolvimento, a ignorancia d'estas leis é ainda geralmente reconhecida—a agricultura por exemplo: cuja industria não é tão facil como se tem feito uso entre nós, ali existe atirado as mãos do acaso, as luzes do instincto; e sobrecarregada de pesados impostos, que ainda seria uma satisfação para os pagadores, se fossem empregados com interesse ao serviço da causa publica, não em cousas aparentes sem persistencia alguma—a espoliação com mãos occultas ainda muito perturba a liberdade do nosso trabalho, e a applicação constante das leis do trabalho—a falta de persistencia do nosso trabalho, e de fixidade nas recompensas do trabalho arrasta o desanimo e a froxidão, assim como a falta de liberdade não pode trazer a responsabilidade—a segurança dos capitães, das rendas, em fim de todo o desenvolvimento a que se applique a intelligencia humana.

Hoje refulgente como sempre sauda a patria o astro da liberdade, que nos mais profundos abismos tem suplantado o poder despotico da escravidão; possa esse mesmo astro esmagar essas causas perturbadoras do nosso progresso, attendendo as necessidades que urgem, dar toda liberdade ao nosso trabalho, á nossa industria.

S. Bueno

O dia 7 de Setembro.

Nos annaes dos povos civilisados do globo costumão a ser memorados os dias de sua independencia, em que quebrando o jugo da escravidão se proclamão povos livres.

Ha 37 annos, que o Brazil, nossa cara patria este fertil terreno de Santa Crus em que serpeião magestosos rios, rico por suas producções naturaes, rico por suas minas de ouro, e pelos immensos diamantes que apparecem, proclamou sua independencia, um grande homem, o heroe da liberdade de dous mundos, nos declarou livres no Ypiranga, bradando *independencia ou morte* cujo brado souo desde as humildes ribanceiras do Jaguarão até as soberbas margens do Amazonas. D. Pedro I. successor da coroa de Bragança tinha vindo ao Brazil em companhia de seu Augusto Pai D. João VI. que fugindo de Lisboa as tentativas da invasão, que fazia sobre Portugal o primeiro homem do nosso seculo Napoleão o grande, se refugiou no Brazil.

Foi então, que se abrirão os nossos portos as nações commerciaes, e a Corte Americana do Rei de Portugal competio com as melhores cortes da Europa, voltando D. João VI. a Portugal, o principe D. Pedro foi deixado seu loco tenente no Brasil, e foi então quando elle vindo a S. Paulo proclamou nossa independencia.

Mas onde se achão esses grandes vultos, que contribuirão para a nossa emancipação politica? O Augusto fundador do Imperio já não existe! Os conselheiros José Bonifacio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, patriarchas de nossa independencia se achão occultos sob as lageas de frios sepulchros!

A abdicação do Snr. D. Pedro I. em 7 de Abril de 1831, que devolveu a coroa ao Snr. D. Pedro II. resolução, que não custou uma só gota de sangue brasileiro, é um facto virgem na historia dos povos livres.

Logo foi o periodo da minoridade, uma regencia provisoria tomou as redeas do governo, que depois foi succedida por uma regencia permanente. O ministro da justiça de então o finado Snr. Diogo Antonio Feijó salvou a coroa de todos esses motins armados, que se manifestarão no Rio de Janeiro. Evaristo Ferreira da Veiga na *Aurora Fluminense* conseguiu illustrar os animos, e como deputado por Minas na camara temporaria discutio com lucidez todas as theorias constitucionaes, mas esse grande vulto da historia parlamentar do paiz foi esconder-se no sepulchro!

Veio então a primeira regencia do acto adicional, e o finado Snr. Feijó foi eleito regente por uma poderosa maior de votos em todo o imperio, mas sobrevivendo a rebellião do Rio Grande do Sul, o regente, não podendo soffrir

o parlamento, que lhe negava as medidas precisas para a salvação do imperio, renunciou a regencia entregando o poder nas mãos do ministro do imperio Pedro de Araujo Lima, (hoje marquez de Olinda) e depois segundo regente.

Agita-se então a questão magestosa da maioridade do Monarcha na camara temporaria, e no Senado, e ella triumphou quando o ministro do imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos já falecido, e um dos primeiros parlamentares dessa epocha mandou o decreto do adiamento da Assembléa Geral. Os dous Andradas, Otoni, Navarro, Rego Monteiro Galvão, Marinho, Limpo de Abreu (hoje visconde de Abaeté) e outros se pronunciarão na camara temporaria pela maioridade e neste acto o finado senador José Bento Leite Ferreira de Mello, convidando a todos os deputados e senadores para o senado, ahi esse venerando ancião abraçado com o busto do joven Monarcha de uma das janellas do senado exorta ao povo no dia da maioridade, e delirante de jubilo congratula-se com elle por uma faustosa victoria alcançada para a causa do paiz.

Qual o fim desse venerando ancião? Foi mais tarde um cadaver ensanguentado e prostrado numa estrada publica de Pouso Alegre no dia 8 de Março de 1844, e os mandantes desse barbaro assassinato ainda pazeião impunes!!!

Proclamada a maioridade de no dia 23 de Julho de 1840, S. M. o Imperador nomeia para seus ministros todos os membros influentes da minoria parlamentar, conhecido por ministerio da maioridade. A este succede o gabinete de 24 de Março, epocha, em que se erguerão as provincias de São Paulo, e Minas por causa da lei das reformas do codigo!!

Daqui o ostracismo politico de todos os maioristas, daqui as horrorosas perseguições do Sr. Otoni, José Feliciano, João Gualberto de Carvalho, Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté) Marinhos, Rodri gues dos Santos, Tristão de Abreu Rangel, que todos forão absolvidos pelos verdicts dos jurys.

Mas subindo ao poder um ministerio, de que fazia parte o Sr. Conselheiro Manoel Alves Branco (2.º visconde de Caravellas) ja fallecido, este grande estadista promulgou uma amnistia generosa, que abrio as portas da fortaleza da Lagea ao finado Sr. brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, e todos esses cidadãos antes de se finarem, prestavão importantes, e valiosos serviços ao Imperio!

No entanto a 11 de Novembro de 1846 finava-se na cidade de São Paulo, depois de haver soffrido as perseguições do ostracismo o Sr. Diogo Antonio Feijó, elle que renunciara a regencia, o bispado de Mariana, inteiramente pobre! Oh exemplo de abnegação!!!

Rapidos forão os ministerios do segundo reinado, o finado Sr. Paula Souza, foi o primeiro presidente do conselho, ate que um homem, profundo estadista proclamou a politica da conciliação. O finado nobre marquez de Paraná tinha concebido, que no Brasil os partidos não se descriminavão senão pelos meios de realisar suas ideas, daqui conceben elle a fusão dos partidos, mas o lugubre dia 3 de Setembro de 1856 arrebatou ao grande estadista, que baixando ao tumulto não pôde realisar suas ideas. O nobre Sr. marquez de Caxias continuou na mesma politica, até que o nobre Sr. marquez de Olinda organison o ministerio de 12 de Maio de 1857, que com quanto tivesse opposição em ambas as casas do parlamento, triumphou em todas as suas medidas governamentais.

Tendo se retirado este ministerio por incomodos dos Exms. Snrs. Conselheiros Vasconcellos, Coelho, e Saraiva, organison-se o ministerio de 12 de Dezembro de que foi presidente do conselho o Sr. Visconde de Abaeté, ministerio anormal, que subio ao poder contra todas as condições do systema representativo, e que morreo de morte ignominiosa em consequencia do projecto bancario offerecido pelo Sr. Timandro que alarmou, todo o Imperio!!

Organison-se no dia 10 de Agosto do corrente anno um novo gabinete, sendo o presidente do conselho o Exm. Sr. senador Angelo Muniz da Silva Ferraz ministerio composto de illustres cavalheiros adversarios do nefando projecto bancario. E' este o ministerio, que tem de assistir ao glorioso dia 7 de Setembro de 1859, e que muito promette para o paiz.

Salve pois tres vezes salve, o grande dia 7 de Setembro de 1859, aniversario daquelle em que

de collonos, que eramos, fomos cidadãos livres, um povo hoje digno de admiração de todos os povos do universo! Brasileiros, saudemos o grande dia 7 de Setembro de 1859, em que fazem 37 annos em que se proclamou nossa emancipação politica.

O. M.

POESIAS.

*Liberdade, não morreste,
Tens erguida tua bandeira;
Qu'importa si adormeceste
De alguns ossos na poeira!...*

DR. ANTONIO CARLOS.

Salve, aurora gentil da liberdade,
Que os ferros fundistes dos nossos grilhões,
Que o patrio gigante das garras livraste
Da negra cubica d'extranhos mandões.

Algemas de ferro, de chumbo e de bronze
Ao poste infamante do vil captivo
Os pulsos ligavão outr'ora de heroes
Que cedo calçarão o jugo estrangeiro.

As cultas nações ensinou o Brazil
Os foros da patria, valentes guardar;
Com elle aprenderão os povos da Russia
Os laços dos ferros bretões a quebrar.

Aprendei, brasileiros, a ser também livres
Nos tumulos sanguentos de tantas nações,
Ond'em lettras de bronze, no bronze talhadas,
Conservão-se os nomes dos Brutos—Catões!

Das ondas do povo aos crebros embates,
Os thronos se partem á luz da verdade;
Com haste molhada nos sangues reacs
O povo desfralda nos seus pedestaes
O virente pavilhão da liberdade.

A independencia do povo
Não s'escravisa de novo
Aos crimes da realza
São odiosas ficções
Os heraldicos brasões
Dessa mentida nobreza.

Sim, que do povo o somno
Não fal-o curvar ao throno
Dos despotas a cerviz;
Que o sceptro se despedaça
Quando a voz da populaça
Se ergue—o mundo o diz.

Roma—citate-lhe o nome,
Que o mundo presente sóme
As glorias de tantos annos;
Pois bem, a Roma gigante
Com esse viver brilhante
Teve também tyrannos.

Carthago, esse paiz
Que moribundo não quiz
Aviltar-se ao captivo,
Vio seus templos abrasados,
A tombarem derrocados
Pelas chamas do estrangeiro.

E tu, Brazil pujante,
Cujo aspecto gigante
Denota heroicidade;
Não troques tuas bandeiras
Pelas glorias estrangeiras:
Não manches a liberdade.

Espedaça esses pendões,
Ceruleo-brancos padrões,
Da luz prepotencia;
Quebra o jugo d'esse povo
E conquista-lhe de novo
Os laureis d'independencia.

Os corpos martyrisados
De teos filhos desgraçados
Dizem á posteridade:
Aprendei; oh Brasileiros,
A quebrar os captivos,
A saudar a liberdade!

Eleva a fronte altiva, altivo o nome,
Brazil, refunde os ferros das algemas;
Não podem pulsos livres com'os teos
Tactear-lh'ao peso—do captivo emblemas!

Os filhos valentes das plagas do norte
O jugo saccodem do altivo europeu,
C'os restos quebrados do throno britanio
Elevão á sua liberdade um tropheo.

De Bolivar e Whasington a fama
Disperta no Sul o brazileo gigante;
Quebradas também as cadeias d'escravo,
A frente do Indio se ergue arrogante.

Dos filhos heroes as bandeiras ja rotas
Tremulão de novo nos seus batalhões,
E a Lyzia orgulhosa desperta tardia
A' orchestra sublime dos nossos canhões.

No céu do Ypiranga retumba glorioso
Do povo gigant' o festivo transporte,
Que ao som da queda da vil iyrannia
Bradou p'ra sempre: Independencia ou morte!

7 de Setembro de 1859. J. G. Mora. e Navarro.

7 de Setembro.

Tres sec'los oppresso, calcado e abatido
Tres sec'los bem negros vivera o Lião!
Mas eis chega o dia já forte e temido
Esmaga iracundo seu negro grilhão!

Quando elle dormia fizerão-no escravo
E os pulsos lhe atarão com grossas correntes:
Mas eis chega o dia já forte e temido
Lambendo raivoso seus membros dormentes

Não é mais o fraco que vive opprimido
Gemendo de dores nas mãos da maldade:
E' a fera terrivel que solta um bramido
E o echo nas serras que diz—liberdade!

E' o peito brazilio que agora altaneiro
Diz bravo, diz guerra! clamando—igualdade
E' um povo que é forte que pode guerreiro
Bradar aos tyrannos que tem liberdade!

Que os fortes de Lysia cobardes tremerão!
Tremirão de medo!!! ai! crer-me quem ha-de?!
Que é dessa coragem d'outr'ora? perderão!
Ao ouvir um só nome, ao ouvir—liberdade!

Qual sol que cercado de raios a mil
Assoma nos montes com gram magestade
Tal surge fulgente meu grande Brazil
E a lei do Cordeiro só quer—igualdade

Nós filhos da Patria marchemos avante!
Um só pensamento não mais—união!
E ao sol deste dia sem par fulgurante
Saudemos altivo da Patria o pendão!

Mil largos Setembros sem mais soffrimentos
Nos tragão propicios nos tragão bonança;
E o nosso passado. . . .d'outr'ora os tormentos
Que passem qual sonho por nossa lembrança.

Ao som doce aos bravos d'um hymno guerreiro
Nas filas brilhantes se lendo—igualdade
O povo que é forte, temido altaneiro
Que brade aos tyrannos que tem liberdade!

F. Quirino dos Santos.

SETE DE SETEMBRO.

*São direitos sagrados os lares
Nunca mais ousarão nos ferir.
(B. SAMPARO.)*

Brasil oh! minha Patria, eu te saúdo!
Hoje livre do jugo do estrangeiro,
Cujas leis inspirando a tyrannia
Ousarão dominar ao Brasileiro!

Medonho pesadello dominava
O Gigante das selvas que dormia
No silencio de negra escravidão
Em que triste seus dias consumia.

Cançado de soffrer tresentos annos,
A Liberdade em sonhos lhe surrio,
Então elle se accorda e as cadeias
Despedaça no oprobrio em que dormio.

Os hymnos festivos das tubas santas
Pelos montes e os bosques echoavão;
O Brasil exultava de alegria,
Seus filhos Liberdade só cantavão.

Bemvindo dia Sete de Setembro!
Que a uossa Independencia proclamaste
Das formosas campinas do Ypiranga
Onde o Sol da Liberdade contemplaste!

E vós oh! nobres bustos venerandos
Andradas!... Patriotas immortaes!
Que um passado de glorias nos legaste
Na nossa Independencia, onde estaes?

Ah! meu Deos! dá que os nomes evoquemos,
—A memoria de varões tão illustrados,
Defensores fieis da Liberdade
Cujos feitos serão sempre lembrados!

Brasil, oh! minha Patria, eu te saúdo!
Hoje livre do jugo do estrangeiro,
Cujas leis inspirando a tyrannia
Ousarão dominar ao Brasileiro!

B. J.

S. Paulo—1859.

SETE DE SETEMBRO.

I.

Porque choras Tupy—rei das florestas?!
Porque teus olhos vertem sobre a terra
Copioso pranto que te fere a face?!
Porque curvaste a fronte outr'ora altiva,
Soberana e gentil qual coma excelsa
Dó áudaz jequitibá frondoso e alto,
Que vae nas nuvens devassar segredos
Escondidos por Deus?!...

Por ventura Anhangá veio nas mattas,
Entoar seu canto escripto nos Infernos?!...
Oh responde Tupy! Fallem teos labios,
Que outr'ora no deserto ao som da inúbia,
Cantarão liberdade em sacros hymnos!...

O Indio vacillou—cravando os olhos
Na taba de seu pae já feita em ruinas;
Novo pranto verteu bradando irado:

« Amanhã morrerei!—Antes que a morte
Estenda sobre mim seu véo sombrio,
Mil flechas mandarei envenenadas
Romper o peito infame do tyranno! »

« Quando a luz de Tupan tingir a terra,
Doirando a cruz erguida no deserto,
Meu tacape cruel partindo craneos—
Ao mundo mostrará que a cobardia
Não tem guarida em peitos brasileiros!... »

« Amanhã morrerei!—na patria selva
Morra em breve também a tyrannia!
Ella ergueo no deserto a cruz e a morte,
A cruz e a morte seja o seu destino! »

« Amanhã, novos craneos inimigos,
Na hora de morrer serão as taças,
Onde em vez do cauim somente sangue
A embriaguez trará para o deserto,
Onde os pobres tupsys soltando a uiba
Verão tombar o monstro enfurecido!... »

II.

Calou-se o Indio.—Lá no céu sereno
Timorata rompia a plumbea nuvem,
Da noite o astro meigo.
Ultimo som que o echo repelira
Foi o brado convulso altisonante
Do Indio escravo, repetindo ao longe:
« Vingança e liberdade!... »

III.

.....
O Indio não morreu! salvou-o Deus
No renhido combate! Altivos craneos
De inimigos vencidos adornavão
A porta rude das rasteiras tabas!...
Morrera a tyrannia!—O vil colosso
Cabio por terra em convulsões horriveis!...
Abrio as fauces e bradando—escravo—
Na voz dos echos repetirão anjos:
« Vingança e liberdade!... »

IV.

Quem foi que interrogou nas virgens selvas
O Indio que a chorar banhava a terra?
—Era o Monarcha excelso de dous Reinos,
Que erguendo-se á região que habitão genios,
No Ypiranga parou,—gravou seu nome
Nas montanhas do Brazil!...

Era um genio rival de tantos genios—
Era Pedro Primeiro—Heróe preclaro,
Que desprezando ameaças de tyrannos
Um povo libertou, bradando ingente:
« Independencia ou morte!... »

João Soares.

AO SETE DE SETEMBRO.

Afinal soon a hora
Em que surge um novo sol,
Que a nossa bella aurora,
Vem servindo de faról.

Despenhou-se a tyrannia,
Ouve-se estrondo de guerra,
Portugal em agonia,
Soluçando cai por terra,

Vem a aurora despontando
E o Brazil, da escravidão
Os duros ferros quebrando.
Iça logo um pavilhão,
E a liberdade firmando,
Se constitui-nação.

SETE DE SETEMBRO.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Política malvada a Grecia vendo;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Tarpadas inda ondeam.

(J. B.)

I.

Formou-te, Brazil, livre o eterno Senhor!
E bem longos sec'los no rico thesoiro
De preciosas gemmas
De prata e de oiro
De que hoje te ufanas, tu livre viveste!
De um goso innocente
No seio embalado
Corrias, Gigante, esses sec'los tão langos;
E as magoas, as dores, e o viver de escravo
Nem mesmo nos sonhos
Tê havião tocado!

Feliz era o estado que então tu gosaste!
No solo teu onde orgulhosa a natura
De primores tantos
Tão bella folgura,
Sem medo vagavão teus filhos valentes:
Com arco e com flechas
As selvas corrião
Assim com enduápes do pelles oncinas,
Que aquellas agudas com força jogadas
Dos troncos anosos
Certeiras trasião!

Contentes fazião a lucta os guerreiros
Com fortes tacápes ao som do boré;
E as suas victorias
Cantava o pagé

Dos outros no seio com livre harmonia!
Em rude ygaras
A flor deslisavão
Dos tumidos rios, com mil caggentores,
E aos pallidos raios das luzes sidereas
Nas lymphas de prata
Mui livres cantavão!

E livres dançavão nos rudes festins
Com seus arasoyas, com seus kanitares,
Amores trazendo
Nos ternos olhares,
Nos gestos garbosos, as indias innoxias:
P'las formas donosas
Os ternos amantes,
Repletos de amor—« Manitós »—exclamavão
« Como a vida das selvas outra haverá?!
Em gosos constantes
A vida passavão!

II.

Desdita! Um accaso infeliz te tornou!
Nas negras entranhas
De terras extranhas
De oprobrios cobertas, foi onde o futuro
Que tinha seguro elle cego lançou!

Mudou e assim o teu livre viver!
De ferros pesados
Os mares peçados
Bramindo se virão, erão ferros que escravos
Teus filhos so bravos vierão fazer!
As sanhas sangrentas do fero senhor
Teus valles e prados
E bem alastrados
De mortos deixarão!... Os teus horisontes
So echos dos montes dizião:—terror!!!

Do vento os sibilos, o trom dos trovões,
Das ondas do mar
Na praia o roncar
Teus ais teus gemidos de dó repetião,
Emsons que movião com dor os sertões!

Da frente tirando o formoso cocar
Indiãnas se viao
Que tristes fugião
Por invia floresta, chorando o esposo,
Que o jugo horroso lhe veio arrancar!

Dos lagos a beira então se sentavão:
Nas agoas dormentes
Mirando pacientes
Seu todo gentil, suspiros doidos
P'ra os lares perdidos, coitas mandavão!

Tres sec'los de oprobrio!
Tres sec'los' Brazil de soffrimento insanno
Surrindo causou-te
Essô Hercules (mas infame)—esse tyranno!

III.

Já era muito tres sec'los de aprobrio!
Pellourinhos, masmorras, cadafalsos
Por toda a parte erguidos, o' Gigante
Já teu somno turbavão co'o medonho
Atterrador soar da orchestra sua!...
Como do inferno os rufos dos tambôres,
O doido gritar de suas victimas,
De Cerbero o ladrar enfurecido,
Em um mesmo momento retumbando,
Ella nos valles, nas grutas e choávas!

Já accordar ao sol da liberdade
Tu sonhavas! E o Eterno que Gigante
Te formou, para assombro no futuro,
Qual outra Roma, das nações tu seres;
P'ra accordar-te formou também um outro,
Que entre as metralhas encrusadas,
O fumo dos canhões, montões de mortos,
Em Jena, Montrevrail, e Austerlitz,
Sem saber caminhava para o leito
Onde escravos dormias resomnando!

Ahy de ti bem junto passeavão
Paula Souza, Feijó, grandes Andradas,
Então reflexos quiçã amortecidos
Da Liberdade, que por entre a sombra
Que fazia do captivo em a nuvem
S'ostentavão: como em medonha noite
Procellosa lá n'amplidão dos mares
Formosa estrella que de quando em quando
Surri por entre seu denso negrume!
.....
Aproximou-se pois esse Gigante
Que das margens do Sena ergueu-se altivo:
Teu leito de escravo estremecendo!
Todo inteiro, ossos—carne—estremeceu-te!
Rugindo então te acordaste, o' Gigante;
E o sol da Liberdade de-uma auréola
Brilhante tua fronte assoberbada
Corou entre hosannas que te davão
As aves nos teus bosques jubilosos,
Ao echo magestoso do Ypiranga:
«—Independencia ou morte—»

São Paulo 1.º de Setembro de 1859.

Manoel Pereira de Souza Arouca.

AO DIA SETE DE SETEMBRO.

Após tão longo somno, oh liberdade,
Risonha despertaste; como as sombras
Fogem ja luz aos raios fascinantes,
Como as nuvens, da brisa ao brando sopro,
As trevas do soffrer se esvaecerão,
A' teu mago luzir.

Pobre estrella de luz no lodo immersa!
Tristes Laís aos beijos infamantes.
De miseros escravos, cujas frontes
Tem o sello da infamia! flor do prado
Manchada e ja tão cedo sem perfume!

Palmeira dos desertos abrasados,
Quando nuvens de arêa o ar percorrem,
Quando o sol no zenith empalidece
Ruge o tufão, qual genio da tormenta,
Curvaste, oh liberdade, a fronte pura
Vergaste eivada e triste.

Leão sangrento na sombria selva
Dormia de inimigos circulado,
O lacerar das pês suppostava,
Sonho de sangue lhe turbava o somno
E após um rugir de desespero.

De Eólo os filhos nas cavernas presos
Tambem rugem de ver-se comprimidos.
Raiou da remissão a meiga aurora;
Como os guardas que o tumulto do Christo
Cuidadosos guardavão, os tyrannos
Confuso no seu lodo recahirão
Ao despontar o sol da liberdade.

Ergueo-se a estrella desse lago impuro
E foi luzir n'um céu puro e azulado,
Do deserto a palmeira ergueo-se bella
De verdejantes palmas revestida
Embalando-se ás brisas perfumadas;
O sangrento leão quebrando as pês
A juba sacudiu altivo e airoso
E ao sol da liberdade adormeceu!

Não mais as sombras de um cruel soffrer,
O suspiro gemente do captivo!
Da noite as harmonias, o sussurro
Do limpido regat., o doce canto
Das aves que trinavão, modularão
N'uma só voz um canto á liberdade.

L. N. F. V.

A Redacção do *Publicador Paulistano* pede desculpa á aquelles de seus amigos cujos escriptos não forão impressos. Para os accomodar fez o que pôde inclusive deixando de escrever.

S. Paulo.—1859.—Typ. DOUS DE DEZEMBRO.